

QUANDO A REALIDADE VIRA FICÇÃO

Por Ana Beatriz Camargo,
Nathália Barbosa
e Beatriz Pagamisse

Se a época em que vivemos é tida como a da imagem, foi no século XIX que tudo começou. Foi lá que a técnica de captar um instante da vida utilizando alguns elementos químicos e a dose certa de luz foi aperfeiçoada: criou-se a fotografia. Duzentos anos se passaram e a televisão despontou como o espaço capaz de conjugar o áudio e a imagem indo além, dinamizando-os com a agilidade do “ao vivo” e vencendo as antes tão inultrapassáveis barreiras geográficas. Muito mais do que um veículo para o relato dos fatos do cotidiano, a TV virou sinônimo de entretenimento. Se realidade e ficção percorrem o mesmo caminho até chegarem ao público, são veiculados com a mesma logomarca, apesar de produzidos por diferentes grupos, e estão sujeitos as influências de uma mesma empresa, como separar um do outro? Nas telenovelas, mais especificamente, até onde a intersecção do real com o fictício é válida?

A televisão chegou ao Brasil no ano de 1950 trazida pelo empresário Assis Chateaubriand, dono do conglomerado de mídia Diários Associados, o maior da época. O maquinário era todo importado dos Estados Unidos e o preço, incompatível com a renda dos trabalhadores. Sendo assim, para divulgar a emissora que Assis acabara de criar, a Tupi, aparelhos de TV foram espalhados pela cidade de São Paulo. Além de colocar pela primeira vez as manchetes do dia na tela da TV com o jornalístico *Imagens do Dia*, a Tupi investiu nos teleteatros – peças teatrais exibidas em rede nacional – que foram o embrião das novelas a que assistimos hoje. Os primeiros dez anos foram de transmissões ao vivo, já que o *videotape*, processo de armazenamento de imagens em fitas magnéticas, ainda estava sendo aperfeiçoado pela indústria norte-americana. Quem inovou bancando a produção de uma trama diária foi a Excelsior, em 1963, com *2-5499 Ocupado*, mas foi a Tupi, com sua *O Direito de Nascer*, quem fez com que o gênero das telenovelas decolasse.

Foi em *Beto Rockefeller* (TV Tupi, 1968 – 1969), de Bráulio Pedroso, em plena ditadura militar, que a teledramaturgia avançou. O tom coloquial quebrou o padrão das falas floreadas, aproximando as personagens do público, e surgiu um novo tipo de protagonista: o anti-herói. Beto era o encontro de dois extremos: o trabalhador e o playboy da alta sociedade e se dividia entre a boa vida ao lado de uma milionária e o amor ao lado de uma namorada mais humilde. Essa dualidade foi posta pelo autor como representação das dúvidas da época: apoiar a ditadura e esquecer as torturas para ganhar dinheiro ou renunciar à riqueza em prol dos ideais libertários de uma geração. É o que indica o professor José Arbex Jr. no capítulo “*Telenovela ou a domesticação do imaginário*” do livro “*Showrnalismo: a notícia como ela é*” (Casa Amarela).

Bem mais que os efeitos especiais, é a ousoadia dos temas o que garimpa a audiência para

Até que ponto as telenovelas podem sacrificar os fatos em prol do enredo?



O Direito de Nascer, TV Tupi – 1964



Novelas dramatizam fatos históricos e questões polêmicas para angariar audiência

uma novela. Outro caso em que um fato histórico marcante é usado como pano de fundo para histórias de amor é o da minissérie *Anos Rebeldes* (TV Globo, 1992), escrita por Gilberto Braga e Sérgio Marques. O período era de agitação na política nacional pelas fortes denúncias de corrupção contra o Presidente em exercício, Fernando Collor de Mello. O enredo de um jovem que lutava contra a ditadura e a trilha sonora influenciada pela Tropicália, movimento cultural de ruptura nos anos de chumbo dos militares, evocaram os sentimentos de uma época rebelde, os mesmos que levaram estudantes às ruas pedindo o impeachment do presidente Collor. Muitos dos participantes admitiram que se imaginavam personagens da minissérie enquanto protestavam, como é citado no livro do professor Arbex.

Amor e Revolução – A ditadura volta agora às telas com a novela *Amor e Revolução* (SBT, 2011), de Tiago Santiago, que com quase dois meses de exibição já atrai visões opostas sobre como o assunto está sendo tratado e foi alvo até de um abaixo-assinado de alguns militares pedindo que a novela não fosse mais ao ar. Especulou-se que o empresário Sílvio Santos, dono do SBT, só teria acatado o projeto antigo do autor da novela para fomentar o debate acerca da abertura dos arquivos da ditadura, recebendo em troca benefícios para o pagamento da dívida de seu antigo banco, o PanAmericano. Mas o questionamento crucial quanto aos desdobramentos da trama vai além de simplesmente analisar se é oportuno ou não retomar um pedaço tortuoso da história do Brasil, a questão esbarra em detalhes cronológicos e de contextualização que, se mal ex-

plorados, podem ajudar a contar uma história repleta de meias-verdades e erros crassos.

É o que pontua o escritor e dramaturgo Izaías Almada, em recente artigo publicado no blog *Escrevinhador*, para o qual a novela em questão é um “desastre”. Fora o texto e a interpretação, que deixam a desejar, ele aponta que o enredo se apoia em lugares comuns para contextualizar o momento histórico, que conflitos complexos são reduzidos a um discurso “desprovido de qualquer sentido” e que situações inverossímeis e cenas grotescas se misturam resultando em um painel caricato do que aconteceu no Brasil. Almada questiona se “ficcinar” os fatos – como censura à imprensa, prisões ilegais, tortura e desaparecimentos – não seria uma artimanha dos autores e produtores para ficarem livres de qualquer confronto com aquela realidade.

Se a televisão ocupa um lugar privilegiado na vida dos brasileiros e as telenovelas, em especial, atraem toda a atenção, pode a Rede Globo em horário nobre insinuar que a Jordânia é um país mais seguro já que é o mais “ocidentalizado” do Oriente Médio, quando na verdade não é? Não, claro que não. Abordar a ditadura militar, como se propôs a novela *Amor e Revolução*, mas errando na contextualização deve ser condenado? Sim, claro que sim. Para propagandear carros, lojas ou bancos as personagens vivem em um mundo completamente normal, igual ao nosso, mas para as demais ações estão apenas no plano do irreal, do entretenimento, e não têm compromisso algum com a verdade. Estranho, muito estranho.

anbeatrizcamargo.jornal@gmail.com

nathaliab.contato@hotmail.com

b.pagamisse@gmail.com